

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Nacional de Medicina, Professor Jorge Alberto Costa e Silva. Na pessoa de Vossa Excelência homenageio e reverencio os demais componentes da Mesa Diretora de nossos trabalhos.

Senhores Acadêmicos.

Meus caros familiares e amigos.

Que vos eu de dizer que já vos não tenha sido dito em ocasiões como esta? Ao fitar-vos, eu me envaideço de vossa escolha, que me alcança na madurez dos anos, onde não mais se desculpam as verdes ligeirices, da expressão camiliana. Chamando-me ao vosso convívio, dos mais altos dignatários da Medicina brasileira, fazeis viver momento singular à minha obscuridade, sem remanso de espírito nem longos vagares, desalterada sempre pelas vigílias e o esforço estrênuo da afanosa vida clínica. Encontro em Isaias, o Profeta, “que a mão do Senhor não está encolhida para que não possa salvar, nem o seu ouvido agravado, para não poder ouvir”, e isso me anima a dizer-vos, “sem mais salvas nem rodeios”, que não escolhestes um homem simples, mas alguém ainda abrasado da fé, da ambição de saber e de aperfeiçoar-se; alguém cuja

formação filosófica o impede de afirmar como quem sabe, antes propondo como quem duvida.

As palavras que acabo de ouvir, recheadas de afeto, exprimiram o que eu gostaria de ser. Tocaram-me o coração mas não toldaram o meu entendimento.

Receber tão elevada consagração é recompensa que transborda toda a minha alegria.

Também a Medicina tem palmilhado caminhos impérvios. No século 19 foi quase um instrumento de combate, e a doença, o inimigo. Orienta-se hoje para uma concepção sintética do comportamento humano, alternativa que lhe restava na complexidade em que a lançou a alude nas conquistas recentes, implicando a proposição constante de novos problemas.

Bem sabemos o quanto nos custou o aprendizado médico, incompleto, imperfeito, inadequado, insuficiente e anacrônico. Há urgência extremada em emancipar as nossas faculdades de seus obsoletos currículos, modernizando-os e adaptando-os às novas aquisições de uma profissão que começou de percorrer agora o seu caminho com botas de sete léguas. Impõe-se dar ao

estudante, ao cabo das cadeiras básicas, e antes de mais nada, noções fundamentais de psicologia médica e de medicina psicossomática, amainando as resistências dos velhos professores que tiveram formação em moldes talvez clássicos porém hoje inaceitáveis. Forneçamos aos nossos discípulos conhecimentos essenciais de psicologia para que eles possam surpreender a gênese das perturbações mórbidas e sistêmicas, preparando-os para o conhecimento do ser humano no que ele tem de mais recatado, íntimo ou pessoal, os seus conflitos emocionais, tantas vezes transfigurados em sintomas somáticos.

Em relação à pesquisa, será sempre um malogro e um equívoco imaginar-se alguém capaz de conhecer integralmente o ser humano. O pesquisador pretencioso não poderá ultrapassar a zona em que vai, inexoravelmente, aparecer apenas como um homem diante de outro e companheiro do seu destino.

Não é possível encobrir a reação que começa de encorpar-se contra uma certa Medicina que pretenderam impor-nos ultimamente, fragmentária, de estatísticas e percentagens, puramente casuística. A observação e a experiência são insubstituíveis, e pela mão delas a Medicina fugiu da magia e da

escolástica, integrando-se na psicologia, o que a faz tão diversa das ciências exatas.

A evolução das idéias e a variabilidade dos conceitos em Medicina, transmudando-se, corrigindo-se, e não raro voltando sobre os seus próprios passos, levaria ao ceticismo, se a nobreza e a benemerência do gesto de curar não impusessem respeito, e o doente não reclamasse do médico, através dos tempos, sempre as mesmas qualidades, sempre as mesmas virtudes.

Nenhuma ciência, como a nossa, mais penosa de aprender, nenhuma arte mais fugidia em se deixar incorporar. A prática da Medicina não se poderá equiparar à do artesão que cumpre o seu ofício ou à do virtuoso dedilhando o seu instrumento, sem mais cuidado que terminar. Não seremos assim daqueles médicos que não sabem senão fazer receitas, como fariam fardos de mercadorias. Hipócrates, conhecendo as limitações do seu tempo e sabendo estar na prudência e na razão o poder de restringir as consequências do erro, ensinou sempre que “o médico é o servidor e o intérprete da natureza”. Andado o tempo, continuamos a estudar a influência da natureza sobre a evolução das doenças, e como clínicos à cabeceira dos enfermos,

interrogando sinais e sintomas, observando-os e raciocinando, que fazemos senão interpretar a natureza?

Vinte e cinco séculos depois de Hipócrates, as regras deontológicas por ele ditadas à profissão médica ainda se nos afiguram impecáveis e o juramento que nos impôs continua a prevalecer em todos os seus termos imperativos, fazendo a grandeza e a nobreza do nosso ofício.

Em medicina, o tecnicismo escraviza, e os aperfeiçoamentos técnicos são libertadores apenas em sua essência. Subordinar o raciocínio clínico aos subsídios dos recursos auxiliares do diagnóstico é uma servidão, cada dia mais trivial - ai-de-nós!

Tempo já é, Senhores Acadêmicos, de abandonar a estirada parlenda em que me empenhei para homenagear os ocupantes anteriores dessa cadeira número 67.

Ocupá-la é, por sem dúvida, grande desafio, tantos foram os notáveis que me precederam, a começar por seu Patrono – Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães.

Não me furto ao aludir a figura apostolar de Fernando Magalhães, nascido em 1878 e falecido em 1944, tomar posse das palavras de Rezende-Pai, seu grande admirador:

“Fernando Magalhães, o chefe de Escola; o polígrafo, letras médicas e profanas, ciência, arte, literatura, direito, história, filosofia, naquela vernaculidade sem jaça, prosa tersa e vibrante, exata e sóbria, de indiscutível sabor clássico, que lhe valeu as palmas acadêmicas; patriota, o Brasil era-lhe a terra querida, formosa, virente, cheia de maravilhas, cuja opulência ele apregoava; puericultor, obstetra e renovador, mas, talvez antes e acima de tudo, o orador nato, dominando as massas com a figura apolínea, varonil e a voz bem modulada.”

Criador da Escola Obstétrica Brasileira, que começou a modelar em 1911, como Professor Extraordinário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Dessa época em diante, quem quiser falar no caminho trilhado pela Tocologia brasileira, há-de repetir, a cada passo, e a mal de seu grado, o nome de Magalhães. O tratamento da infecção puerperal, a operação cesariana, que passou de evento bissexto e mortífero à segurança e trivialidade atuais, a proteção da vida embrionária, outrora preceito acadêmico, hoje contingência imperativa, o paulatino e profundo

desvendamento do mecanismo do parto, o problema da distocia pélvica e a conduta nas hemorragias obstétricas, eis os temas preferentes que a vivência de Magalhães fez palpitar, inspirou ou deu categoria, e podem ser esmados, na sua frondosa bibliografia. Demais disso nunca lhe faltou, nas pregações, o sentido humanístico, universal, ecumênico, centelha que o animava a descancelar, atrevidamente as portas da rotina. Uma clara inteligência, o extraordinário poder verbal nato e cultivado e o destemor com que aceitava ou procurava polêmicas ajudaram-no a pelejar, de lança no riste, contra a ignorância e a estupidez, de intuits impenetráveis. A Obstetrícia no Brasil será dividida, por qualquer historiador, em dois períodos: antes e depois de Magalhães.

O primeiro ocupante da cadeira de número 67 foi Domingos de Góes e Vasconcellos, eleito e empossado em 1886 - Sob a presidência de Agostinho José de Souza Lima.

Exerceu o cargo de assistente de Clínica Cirúrgica em 1883 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ainda na instituição, atuou como professor substituto da 6ª Secção, professor de

Anatomia Médica Cirúrgica com Operações e Aparelhos, e lente de Operações e Aparelhos em 1898.

Desempenhou a função de cirurgião da Santa Casa da Misericórdia e regeu interinamente a Cadeira de Clínica Cirúrgica.

Domingos de Góes faleceu em 1921, sendo sucedido nessa cadeira por Octávio de Oliveira Pinto, que aqui ingressou sob a presidência de Miguel Couto.

Foi um cirurgião e obstetra de renome, tendo pertencido a diversas sociedades e associações nacionais e internacionais.

Faleceu aos 55 anos, em fevereiro de 1940, no Rio de Janeiro.

Sucedeu-o Claudio Amorim Goulart de Andrade, empossado no mesmo ano de 1940, sob a presidência de Aloysio de Castro.

A conclusão do relatório exarado por Fernando de Magalhães sobre a candidatura de Goulart de Andrade, datado de maio daquele ano, nos dá uma idéia da magnitude da sua projeção profissional: “Cumpre o Dr. Claudio A. Goulart de Andrade as exigências regulamentares para o julgamento de sua candidatura.



E apresenta-se na parte cultural com as melhores credenciais. Merece o candidato o que pretende e a Academia adquire um elemento de primeira categoria”.

Valem cita, da mesma forma, as palavras do Acadêmico Bernardo Couto: “Descendente de conhecida família nordestina, o meu fraterno Claudio aportou ao Rio, menino ainda, vindo de Alagoas, trazido pelo pai, prestigioso Senador da República. Na metrópole, logo destacou-se pelo desejo obsessivo de cedo atingir às culminâncias da Clínica Ginecológica.

Nada lhe faltava para conseguir o intento inteligente, como os melhores, culto como os que mais o têm sido na especialidade, perseverante como os filhos das plagas de onde provém, submeteu-se a concursos vários, atingindo ainda jovem, todas as honras almejadas: foi Assistente, Livre-Docente, Professor Catedrático, Chefe de importantíssimo Serviço Clínico, detentor de uma das maiores e mais selecionadas clientelas do Rio de Janeiro. Membro Titular dessa Casa com menos de 40 anos de idade. Cavalheiro dos mais perfeitos, fino nas atitudes, elegante no trajar, é privilégio tê-lo em nosso convívio que, esperamos, Deus prolongue por muitos anos.”

Em 1972, Goulart de Andrade ascende a Emérito e, em 1981 vem a falecer.

Senhores Acadêmicos:

Quis o destino que o meu ingresso nessa douta confraria fosse para suceder um de seus mais fidalgos e queridos personagens – o médico brasileiro mais conhecido no mundo – Ivo Hécio Jardim de Campos Pitanguy.

Ivo Pitanguy nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 05 de julho de 1923. Começou o curso de medicina na Universidade Federal de Minas Gerais, onde permaneceu até o 4º. ano, transferindo-se então para a Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual UFRJ, onde formou-se em 1946.

Iniciou sua formação cirúrgica no Hospital do Pronto Socorro, atual Hospital Souza Aguiar, onde contou com a tutoria de professores ilustres como Jorge de Moraes Grey, Josias de Freitas e Ugo Pinheiro Guimarães, todos Membros da Academia Nacional de Medicina.

No final dos anos 1940, a cirurgia plástica ainda não era reconhecida como uma especialidade médica. Com uma bolsa de

estudos, Pitanguy partiu para os Estados Unidos, onde atuou como cirurgião-residente no Hospital Bethesda, em Montgomery - Ohio. Na mesma época, frequentou a Clínica Mayo, em Minnesota, e o serviço de cirurgia plástica do Dr. John Marquis Converse, em Nova Iorque.

De volta ao Brasil, em 1949, criou o serviço de cirurgia da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, o primeiro de cirurgia de mão da América do Sul, onde orientou médicos e auxiliares, e atendeu até o fim da vida os pacientes carentes e vítimas de deformidades. Atuou no serviço de queimaduras e de cirurgia reparadora do Hospital Souza Aguiar entre 1952 e 1955, tendo também organizado o serviço de queimados do Hospital Antônio Pedro, em Niterói.

Em 1960 criou o curso de pós-graduação em cirurgia plástica da PUC do Rio de Janeiro, integrado à enfermaria da Santa Casa. O curso já formou mais de 500 cirurgiões, originários de mais de 40 países.

Em 1963, fundou a Clínica Ivo Pitanguy, na Rua Dona Mariana - Botafogo, que se tornou um centro de excelência em cirurgia plástica estética e reconstrutora.

Membro da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Letras, Ivo Pitanguy, além de ter sido o mais renomado cirurgião plástico do Brasil e do mundo, era professor e escritor. Sua obra derradeira, “Viver Vale a Pena”, uma autobiografia, foi lançado em 2014. No decorrer da carreira, publicou inúmeros livros, a maioria sobre cirurgia plástica e a estética da beleza.

Foi autor de mais de 800 trabalhos publicados em revistas científicas de todo o mundo.

Pitanguy foi agraciado pelo Papa João Paulo II com o Prêmio Cultura pela Paz. A Unesco, através do Instituto Internacional de Promoção e Prestígio, lhe concedeu o Prêmio pela Divulgação Internacional da Pesquisa Médica.

Foi membro das mais respeitadas entidades acadêmicas e culturais. Tinha o título de “Doutor Honoris Causa” por mais de 15 universidades, entre elas a Universidade de Tel Aviv, a Universidad Autónoma de Guadalajara e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Possuía as principais honrarias e condecorações Nacionais e Internacionais, como por exemplo: Presidente do Museu de Arte

Moderna do Rio de Janeiro, Medalha do Mérito Tamandaré, Grão-Mestre da Ordem de Rio Branco, Medalha do Pacificador do Ministério da Guerra, *Chancellor des Universités de Paris*, *Officier de L'Ordre de la Légion d'Honneur*, Título de *Grande Ufficiale* do Governo Italiano e Ordem Dinástica da Casa Savoia.

O Acadêmico Ivo Pitanguy permaneceu em atividade até o final da vida. No dia 16 de julho de 2016 esteve pela última vez nessa Casa e no dia 5 de agosto participou da condução da tocha olímpica, no bairro de Botafogo, vindo a falecer no dia seguinte, em sua residência.

Para ingressar na Academia Nacional de Medicina, em 1973, apresentou Memória sobre mamoplastia, relatando a sua notável experiência de 1273 casos pessoalmente operados e, apoiado nela, digressionando largamente pelo tema escolhido e onde pontificara.

“Trabalho de fôlego, espelho da larga vivência do tema, exposto com segurança, a monografia do Dr. Pitanguy combinada a seu excepcional currículo, vem credenciá-lo a ingressar, honrosamente na Academia Nacional de Medicina como seu Membro Titular.” – foi a conclusão do parecer exarado pelos

Acadêmicos Paulo Albuquerque, João Cardoso de Castro e Jorge de Rezende (Relator).

Repito alguns trechos da homenagem póstuma da Acadêmica Talita Franco sobre o Mestre Pitanguy:

“Estamos hoje aqui para homenagear um monumento, um grande mestre, o médico brasileiro mais conhecido no mundo. Noventa anos de história, centenas de alunos, milhares de pacientes, milhões de amigos.

Algumas pessoas já nascem eternas. Seu espaço vital é maior do que o dos outros, porque se estende em várias dimensões espaciais e temporais, influenciando seu ambiente e a vida dos que estabelecem contato. Mas esta influência é sempre diversa porque se faz sobre indivíduos diferentes.

O sucesso resulta de vários fatores entre os quais sobressaem o mérito pessoal, a perseverança e a sorte. Com ele tudo dava certo. Um Ego poderoso, uma autoestima soberana, a capacidade de trabalho extraordinária, a memória privilegiada, a sorte sempre presente, os acasos favoráveis. Tudo isso somado resultava em uma aura que o cercava como um ser poderoso e especial.

Mestre Pitanguy foi o mago do “entretanto”, do “aqui e agora”. Viveu intensamente o grande e o pequeno. Uma conferência magna, uma cirurgia inovadora, o prazer de uma refeição especial, o contato íntimo com os animais de que tanto gostava, as surpresas encontradas nas inúmeras viagens, tudo lhe trazia o mesmo encantamento.

Chefe, você invadiu o mundo como um imperador romano, conquistando terras e pessoas. Então, além de eterno, você é ubíquo.

Deixa muita saudade, mas é uma saudade alegre porque não há tristeza quando se recorda quem viveu muito e intensamente, que fez diferença em seu tempo de vida, que deixou um legado original e importante e que está inscrito para sempre na história da Medicina.”

Com essas palavras, recheadas de emoção, Talita sintetizou o quão notável foi e continua sendo Pitanguy para tantas gerações de cirurgiões plásticos.

Agosto de 2016 – estava eu correndo na praia, como costume fazer diariamente pela manhã. Toca o meu celular. Do outro lado

da linha o Acadêmico Carlos Giesta, aventando a oportunidade para eu candidatar-me, pela 3ª vez, a uma vaga na Secção de Cirurgia. Por conta dos jogos olímpicos a Academia entrara em recesso por 2 semanas. Seria então declarada aberta a disputa pela sucessão do Mestre Pitanguy. Meus primeiros pensamentos: uma vaga tão emblemática será por certo muito concorrida e possivelmente um cirurgião plástico renomado se inscreverá. Eis que descobro que o Patrono dessa cadeira é Fernando de Magalhães que, como há pouco referi, é figura apostolar na Obstetrícia brasileira. Que dois grandes desafios: suceder Pitanguy... e na cadeira cujo patrono é Magalhães! Reflito por um par de dias e aceito a peleja, tamanha a vontade de fazer parte dessa Constelação!

*Navigare necesse, vivere non necesse* (Navegar é preciso, viver não é preciso) não é de Fernando Pessoa. Segundo Plutarco, foi a resposta de Pompeu a marinheiros gregos, temerosos a navegar em mar tempestuoso. Foi o lema da liga Hanseática. Eis me ali então, a navegar por aqueles mares, em busca de novos horizontes.



Como aludi na minha última carta durante a campanha, desde a tenra infância, via nessa constelação de *Ophiuchus* o brilho dos notáveis. Mas a luz individual, embora pré-requisito ao pleito audaz de atravessar o peristilo desse sodalício, não o é suficiente para fazê-lo. É preciso o desejo dos que já habitam o Olimpo, esse sim, por certo, fruto das eventuais virtudes do postulante. Examinando minha consciência nas candidaturas pretéritas, meu coração se aquietou diante da verificação de minha maior maturidade. Joaquim Nabuco certa feita escreveu ao aspirante a uma cadeira na Casa de Machado, que “a investidura acadêmica não deveria ser dada a um ilustre tão jovem que fosse incapaz de reconhecer sua importância, nem a um tão idoso que não fosse capaz de frutificá-la”. O pensamento inebriante de estar entre vós, que me turbou os sonhos na juventude, era paixão em brasa candente, tão quente quanto fogo em chama, mas acalmado pelo ardor das experiências. Bem confesso que a Cátedra de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da UFRJ deu-me oportunidade de amadurecer o espírito e as ideias. Senti-me pronto. Roguei por vossa confiança. E, graças ao bom Deus, fui atendido!

Sou conduzido a esse salão pelas mãos de grandes amigos. Algumas amizades antigas, de gerações, outras construídas e aprofundadas mais recentemente. Cada um teve papel fundamental nessa campanha. Em cada um tento me espelhar, pelos tantos bons predicados que possuem. Meu muito obrigado a todos vocês!

Pela ordem alfabética (já que seria impossível classificá-los pelo bem-querer, tão queridos que todos são):

Celso Portella – você é a personificação da elegância. Elegância na maneira de ser, na maneira de vestir e, mais que tudo, no trato com as pessoas.

Claudio Tadeu Daniel Ribeiro – nossa amizade transcende esse plano. Penso em você diariamente ao meio-dia, ao soar do meu alarme, lembrando-me a hora da nossa oração.

Eduardo Lopes Pontes – o amigo-irmão mais irascível, indignado com as injustiças. Detentor de uma integridade ímpar, como não mais se encontra hoje em dia. Quanta emoção, meu querido!

José Carlos do Valle – que com tanto carinho me recebeu na “turma do iate”, acolhendo a minha candidatura e tornando-se um dos seus principais entusiastas.

Luiz Felipe Mattoso – querido amigo de longuíssima-data. Tive a fortuna de herdar de meu pai essa amizade tão sólida, perpetuada já na sua quarta geração (seus pais, você, suas filhas e netas).

Paulo Niemeyer (Paulinho) – sem palavras para agradecer à Bebel e a você a fidalguia com que nos receberam naquele jantar em nosso apoio!

Não à toa, tenho o enorme privilégio de receber o Diploma de Membro Titular pelas mãos do grande responsável por essa candidatura – Carlos Giesta – a quem publicamente agradeço pelo constante incentivo e os incontáveis bons conselhos.

Carlos Antonio Barbosa Montenegro acaba de me saudar com uma oração recheada de predicados aos quais por certo não faço jus. As palavras que você vem de proferir, cálidas e generosas, cuja ressonância ainda se não extinguiu na sala ilustre, estão a dizer que eu me não enganara ao acolher, jubiloso, a sua escolha para receber-me. Uma fraternal amizade de mais de 35 anos inspirou o benevolente perfil que me acaba de tracejar. Eu me revi,

comovido, com os olhos de antigamente, a trilhar o áspero caminho percorrido.

Amigo de longa data, a quem sucedi na Cátedra Obstétrica da Faculdade de Medicina da UFRJ e que, a partir de meus primeiros passos na carreira universitária, tive sempre a orientar-me. Mestre de predicados singulares como pesquisador, didata e chefe de escola, exerceu influência tão importante na Medicina Fetal do Brasil que podemos, sem medo de errar, dividi-la em antes de depois de Montenegro.

Nosso convívio começou nos idos de 1979, eu ainda estudante do Colégio Santo Inácio e ele já um renomado professor de Obstetrícia, dileto assistente de Rezende-Pai. Ali começava a admiração pelo homem que para mim sempre significou inovação. Foi ele o responsável pela introdução de toda a propedêutica ultrassonográfica na nossa especialidade. Lembro-me do seu concurso para Titular da UFRJ, em 1982. Aguardei ansioso, junto à sua família, o resultado da sua eleição para essa Casa, em 1985. Em 1990 tornei-me seu sócio na Ultrassonografia Botafogo (fundada em 1979, então a primeira clínica privada de ultrassonografia em nosso país) e ali juntos seguimos até 2006, quando decidi dedicar-me, na prática privada, apenas ao meu

consultório. Homem íntegro, de personalidade forte e avesso à mediocridade, Montenegro nunca foi figura fácil. Sua capacidade de síntese, expressada na singeleza de seus fluxogramas, reflete a inteligência ímpar, cartesiana, incomparável. A ciência em primeiro lugar! – esse sempre foi o seu lema. Obsessivo com a perfeição, não acata as súplicas da editora e segue enviando as correções do nosso livro até que elas não mais possam ser aproveitadas, já com a obra em impressão.

Caro Monte, muito me honra ter sido aqui recebido por você!

Senhores Acadêmicos:

Estar aqui ao vosso lado faz-me sentir a vívida alegria que uma convivência mais perene irá proporcionar ao meu espírito. Sinto sobre meus ombros o peso da responsabilidade de pertencer a essa Casa. Longe das glórias ufanistas da imortalidade, o Acadêmico existe para servir a Academia. As primorosas considerações do ex-Presidente Acadêmico Álvaro Cumplido, no que viria a ser a Oração Acadêmica, fazem-me refletir sobre minha potencial contribuição nessa tribuna em prol da Ciência Hipocrática, em especial da Arte Obstétrica, tão bem delineada

por Magalhães. Na especialidade cuja seara por vezes ingrata palmilho, não são raros os casos em que o médico é acusado pelo infortúnio. Gostaria de trazer à Academia minha pregação, já habitual na UFRJ e nas associações médicas a que estou vinculado, defendendo o alto padrão da Obstetrícia brasileira: do emblemático caso da cesariana a pedido, às situações de insucesso no exercício da prática médica, em amparo aos médicos que dedicam sua vida para proteger o binômio materno-perinatal.

Ao conquistar tão alta honraria, senti-me mais rico. Ao mesmo tempo invadiu-me a certeza de me ter tornado extremamente vulnerável. Uma certa arrogância que me acompanhava até então esfumou-se. Humildade? Talvez insegurança. A ventura de um novel Acadêmico é inquieta.

Não seria falácia dizer, como Sartre: a Vida tem-me dado o que eu queria. E no entanto, ao contrário do filósofo que via, estarecido, ter as mãos vazias, eu as tenho cheias de lembranças amenas do quanto tenho visto, do quanto tenho feito, tão fortes ecos tem essa vida bem vivida!

Valho-me das palavras de Fernando de Magalhães, em 1925, ao saudar Miguel Couto como Presidente Honorário da Associação

Brasileira de Educação: “Serva coelum” - Guardemos o céu, o céu das nossas fantasias, o céu das nossas recordações, o céu das nossas crenças que, pontilhado de estrelas, turbado de nuvens ou inundado de sol, é sempre o mesmo céu, cobrindo todas as raças e todos os credos com o mesmo mistério e as mesmas esperanças.

Um grande clássico da nossa língua, Frei Luiz de Souza, dizia não estar a Verdade nas palavras maravilhosas, mas na união maravilhosa das palavras simples. Aceitai assim, na singeleza do meu agradecimento – e outro intuito jamais me animou ao recitar o discurso que vides de ouvir – a profunda emoção, que não disfarço, de haver merecido a vossa benevolência.

Ao aproximar-me do término dessa oração, gostaria de externar todo o meu amor e gratidão à Vera, companheira há 36 anos – uma vida inteira! Homenageio também Maria Eduarda e Maria Luiza, filhas tão lindas e adoradas.

E, por fim, dedico esse momento ao meu pai, meu maior amigo e inspirador.

Mais que muito obrigado!